

**YADIRA ARNET FERNÁNDEZ**

**CONSTRUINDO DIÁLOGOS ENTRE PRÁTICAS E SABERES ANCESTRAIS  
DA DIÁSPORA AFRICANA DO BRASIL E A CIÊNCIA: O USO DE ERVAS  
MEDICINAIS POR MULHERES NEGRAS IDOSAS E SUA RELAÇÃO COM O  
PODER DE CURA E SAÚDE**

Relatório de Pós-doutorado realizado na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP – Campus de Franca.

Supervisor(a): Prof. Dr. Nanci Soares

Pró-Reitoria de Pesquisa (**PROPe** UNESP) - Projeto de PD - **ID 5571**

**Franca  
2025**

YADIRA ARNET FERNÁNDEZ

**CONSTRUINDO DIÁLOGOS ENTRE PRÁTICAS E SABERES ANCESTRAIS DA  
DIÁSPORA AFRICANA DO BRASIL E A CIÊNCIA: O USO DE ERVAS  
MEDICINAIS POR MULHERES NEGRAS IDOSAS E SUA RELAÇÃO COM O  
PODER DE CURA E SAÚDE**

Relatório de Pós-doutorado realizado na  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de  
Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de  
Ciências Humanas e Sociais da UNESP –  
Campus de Franca.

Supervisor(a): Profa. Dra. Nanci Soares

PROGRAMA DE PÓS-DOCTORADO DA UNESP

Franca

2025

## RESUMO

Este trabalho aprofunda a compreensão dos saberes ancestrais afrodescendentes sobre ervas medicinais, praticados por mulheres negras idosas no Brasil, buscando estabelecer um diálogo crucial com a ciência hegemônica. A pesquisa visa analisar como esses conhecimentos, frequentemente marginalizados pela colonialidade do saber, pelo racismo e outras opressões, são essenciais para o cuidado, a saúde e a resistência, especialmente para populações com baixo nível de vida e acesso limitado à medicina convencional. Utilizando uma abordagem quali-quantitativa e o materialismo histórico-dialético, o estudo investiga o perfil das erveiras, suas crenças e práticas de cura, suas estratégias de enfrentamento das desigualdades sociais e a importância de suas memórias orais na construção identitária e na história oficial da cidade. Espera-se que esta investigação contribua para resgatar e difundir esses conhecimentos, oferecendo alternativas inclusivas para a saúde e o envelhecimento no século XXI, além de promover o empoderamento e a visibilidade das práticas terapêuticas naturais e do legado afro-brasileiro.

Palavras-chave: Saberes ancestrais, Ervas medicinais, Mulheres negras idosas, Resistência, Colonialidade do saber.

- 1. INTRODUÇÃO**
- 2. OBJETIVOS**
- 3. MATERIAIS E MÉTODOS**
- 4. RESULTADOS**
- 5. DISCUSSÃO**
- 6. ORIENTAÇÕES**
- 7. DISCIPLINAS MINISTRADAS COM A RESPECTIVA CARGA HORÁRIA E/OU A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO.**
- 8. COMENTÁRIOS DO SUPERVISOR**

## 1. INTRODUÇÃO

A transmissão intergeracional dos saberes sobre o uso terapêutico das plantas medicinais constitui uma das mais antigas formas de cuidado em saúde registradas na história da humanidade. Evidências arqueológicas e registros escritos, como os da farmacopéia chinesa por volta de 3000 a.C., atestam a centralidade das ervas nas práticas de cura, alimentação e ritualização da vida cotidiana (JUNIOR et al., 2010). Contudo, a valorização desses saberes tem sido historicamente desigual, marcada por assimetrias de poder que situam os conhecimentos oriundos da oralidade, da ancestralidade e das comunidades afrodescendentes e indígenas à margem do que se convencionou chamar de ciência.

No contexto das diásporas africanas, especialmente em países como o Brasil, o conhecimento sobre as propriedades curativas das plantas se perpetua por meio das práticas das mulheres negras idosas – figuras historicamente desvalorizadas pela sociedade, mas fundamentais à reprodução simbólica e material da vida. Essas mulheres, comumente identificadas como erveiras, rezadeiras ou mães de santo, são portadoras de um legado epistêmico que entrelaça o cuidado com o corpo, o espírito e a comunidade, tecendo redes de resistência frente à colonialidade do saber (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007; MANJATE, 2023). Elas ocupam, portanto, um lugar de destaque na manutenção e reinvenção das práticas de cura afrocentradas, inserindo-se como sujeitos epistêmicos relevantes, ainda que sistematicamente invisibilizados pelas estruturas racistas, sexistas e etaristas da modernidade ocidental.

A marginalização dessas práticas, no entanto, não decorre apenas da ausência de sistematização escrita, mas da imposição de um paradigma científico eurocentrado que estabelece hierarquias entre os saberes e subalterniza as cosmopercepções africanas e indígenas. Como apontam Costa e Neto (2010), o conhecimento ancestral das ervas, muitas vezes envolto em rituais e simbolismos, tem sido alvo de estigmatização e intolerância religiosa, sobretudo quando associado às religiões de matriz africana. Tal processo promoveu o esvaziamento simbólico desses saberes mesmo dentro dos próprios núcleos familiares negros, onde o potencial curativo das plantas e a sacralidade dos ritos tendem a ser descontinuados pelas novas gerações.

O avanço da lógica capitalista, que transforma tudo em mercadoria, acirra ainda mais esse processo de apagamento. A indústria farmacêutica, orientada por interesses econômicos, contribui decisivamente para a deslegitimação dos saberes tradicionais, estimulando a dependência de produtos industrializados e promovendo uma cultura de medicalização crescente, especialmente entre as populações jovens. O corpo social é moldado a consumir remédios como resposta imediata a desequilíbrios físicos e emocionais, desarticulando modos de cura comunitários e ancestrais, e, ao mesmo tempo, fortalecendo um modelo biomédico centrado no lucro. Os conhecimentos ancestrais, por sua vez, passam a ser vistos como obsoletos, perigosos ou folclóricos — e a velhice, em especial, como um estágio de improdutividade e descarte.

Desse modo, a interseção entre gênero, raça, ancestralidade e envelhecimento confere às mulheres negras idosas uma posição paradoxal: por um lado, guardiãs de uma sabedoria milenar; por outro, alvo de silenciamento sistemático, tanto nas narrativas hegemônicas quanto nas políticas públicas de saúde, educação e memória. Em sociedades estruturadas pela lógica colonial e patriarcal, como a brasileira, essas mulheres são marcadas por uma tripla vulnerabilidade – racial, de gênero e etária –, que limita o reconhecimento social de seus saberes e de sua humanidade (CARNEIRO, 2023; SILVA, 2022).

Essa marginalização pode ser explicada pela colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), que impôs uma divisão racial e sexual do trabalho ainda vigente nas estruturas sociais contemporâneas. No Brasil, a construção da branquitude como norma universal se consolida como um marcador implícito de valor social, relegando os corpos negros – e, mais intensamente, os corpos femininos negros envelhecidos – à margem da cidadania plena (ALMEIDA, 2018; MOURA, 1988). Este modelo civilizatório opera através de mecanismos que destituem essas mulheres de suas memórias, conhecimentos e protagonismo, perpetuando uma lógica de exclusão que é, ao mesmo tempo, simbólica e material.

Além disso, a associação do envelhecimento à improdutividade e ao descarte, típica das sociedades capitalistas contemporâneas, converte a velhice em um marcador de ineficácia e invisibilidade, aprofundando as privações acumuladas ao longo de uma vida de resistências (SILVA, 2022; FOLTER,

2023). Quando a velhice se cruza com a racialização e a feminilização, conforma-se um território de múltiplas opressões que necessita ser compreendido a partir de lentes analíticas que deem conta de sua complexidade.

É nesse sentido que a interseccionalidade (CRENSHAW, 2002) se apresenta como ferramenta teórico-metodológica indispensável à análise das experiências dessas mulheres. Longe de uma simples sobreposição de marcadores, a interseccionalidade permite compreender como as estruturas de poder operam simultaneamente para produzir subjetividades marginalizadas, delineando fronteiras de exclusão social, epistêmica e política. Ela possibilita captar as dinâmicas de invisibilização e de resistência que se expressam nas práticas cotidianas de cuidado, no cultivo e na partilha do saber, no uso das plantas como mediadoras entre o corpo, a natureza e o sagrado.

Consciente das lacunas ainda existentes na atualidade sobre o impacto de estruturas múltiplas e simultâneas de opressão, a pesquisa de pós-doutorado aqui apresentada – já finalizada – foi desenvolvida com o objetivo de analisar criticamente os diálogos possíveis entre os saberes ancestrais afrodescendentes e a ciência hegemônica, tomando como eixo central o uso de ervas medicinais por mulheres negras idosas no Brasil. O estudo buscou, ainda, compreender como esses saberes se articulam à construção de estratégias de cuidado, saúde e resistência frente às violências históricas e estruturais que incidem sobre esses corpos.

Frente a esse contexto, diversas justificativas emergem para uma investigação mais aprofundada sobre a difusão das práticas e saberes sobre o uso de plantas medicinais por mulheres negras afrodescendentes, especialmente no que se refere à sua preservação e transmissão às novas gerações. Trata-se de um imperativo ético e político: valorizar os saberes ancestrais é também fortalecer a identidade cultural, a autonomia dos povos e a resistência frente ao projeto de mundo neoliberal que exalta o consumo, o lucro e a homogeneização da vida. Mais especificamente, busca-se aqui refletir sobre o papel da juventude – em especial adolescentes – na continuidade dessas práticas, propondo formas de ensino que se afastem dos modelos eurocentrados e que acolham outras epistemologias, capazes de dialogar com as realidades vividas nas comunidades afrodiáspóricas.

Reconhecemos, portanto, a urgência de diversificar os métodos de ensino atualmente empregados, pois estes ainda carecem de abordagens críticas, antirracistas e decoloniais, que valorizem os saberes locais e fortaleçam os laços intergeracionais de pertencimento. Ao estimular a juventude a conhecer, valorizar e praticar esses saberes, abre-se a possibilidade de inspirar novas formas de cuidado coletivo e de enfrentamento das opressões estruturais, promovendo uma cultura de respeito pela diversidade cultural e pela pluralidade epistêmica.

Ao valorizar a voz das mulheres negras idosas como sujeitas epistêmicas, a pesquisa reafirma seu compromisso com a memória, a justiça social e a reparação histórica. Numa conjuntura em que a diversidade epistêmica ainda é alvo de disputa, torna-se urgente escutar, documentar e difundir os saberes que sobrevivem à margem do cânone científico. Trata-se de um gesto político de (re)existência, que busca reconstituir os vínculos entre o passado e o presente, entre a ciência e a ancestralidade, entre o cuidado e a cura, entre o corpo e o território. Mais do que um estudo acadêmico, este trabalho pretende ser uma convocatória ao reconhecimento e à valorização das culturas afrodiáspóricas e de suas possibilidades de futuro.

## **2. OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL:**

Analisar criticamente os diálogos e tensões entre os saberes ancestrais afrodescendentes sobre o uso de ervas medicinais — especialmente os transmitidos por mulheres negras idosas no Brasil — e a ciência hegemônica, considerando suas implicações no cuidado, na saúde, na resistência e na transmissão intergeracional desses conhecimentos

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Identificar o perfil socioeconômico, cultural e demográfico das mulheres negras idosas conhecidas como “erveiras”, responsáveis pela manutenção e difusão de saberes ancestrais sobre o uso medicinal das plantas.
- Contextualizar a relação que existe entre as crenças e valores que permeiam as práticas de colheita, preparação e dosagem das plantas medicinais utilizadas pelas “erveiras” no processo cura e saúde.
- Investigar as estratégias de resistência desenvolvidas por essas mulheres frente às opressões estruturais interseccionadas por raça, gênero, classe e idade em contextos de colonialidade do saber e da saúde.
- Analisar o papel sociocultural das “erveiras” nos processos históricos de construção da identidade comunitária e nas narrativas de pertencimento, contrapondo-as às versões oficiais da história local.
- Documentar e interpretar as memórias de origem, tradição e transmissão dos saberes sobre o uso das plantas medicinais, valorizando suas dimensões epistêmicas, simbólicas e pedagógicas, sobretudo em relação às novas gerações.
- Refletir sobre as possibilidades de inserção desses saberes em práticas educativas e políticas públicas que valorizem a diversidade epistêmica, contribuindo para sua preservação e revalorização.

### **3. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa, de natureza qualitativa e abordagem dialética, configurou-se como um estudo exploratório com enfoque descritivo, tendo sido desenvolvida a partir de dados primários (entrevistas) e secundários (documentos e registros históricos). A opção teórico-metodológica fundamentou-se na compreensão de que o método, mais do que um instrumento técnico, é uma mediação essencial para apreender a realidade em sua complexidade e historicidade. Inspirados por Kosik (2002), compreendemos que, frente à opacidade dos fenômenos sociais, o método científico é o caminho pelo qual se torna possível decifrar os fatos, penetrar em suas determinações e apreender as múltiplas mediações que constituem o objeto investigado.

Assim, ao longo da pesquisa, o método dialético nos permitiu compreender não apenas a relação entre sujeito e objeto, mas também a constituição do sujeito nas suas condições materiais, simbólicas e históricas. Dessa forma, os objetivos da investigação foram perseguidos mediante uma metodologia que buscou ir além da aparência imediata das falas, alcançando os sentidos profundos produzidos nas experiências das mulheres negras idosas conhecidas como “erveiras”. Para tanto, adotou-se como principal ferramenta analítica a metodologia dos núcleos de significação (Aguiar & Ozella, 2013), que se mostrou adequada para interpretar os sentidos históricos, culturais e subjetivos emergentes das narrativas.

O processo de investigação se desdobrou da seguinte forma, em articulação com os objetivos previamente estabelecidos:

#### **3.1. Levantamento do perfil socioeconômico, demográfico e cultural das participantes:**

Para atender ao primeiro objetivo específico — identificar o perfil socioeconômico e demográfico das mulheres negras idosas erveiras —, foi aplicado um formulário estruturado com questões fechadas (**Apendice 1.**). Os dados coletados permitiram caracterizar as participantes em termos de idade, escolaridade, renda, região de moradia, tempo de atuação como erveira, vínculo com comunidades tradicionais e grau de envolvimento com práticas religiosas

de matriz africana. Esses dados foram analisados com abordagem quantitativa simples (distribuição de frequências), sem perder a articulação com o plano qualitativo geral da pesquisa.

### **3.2. Histórias de vida e práticas de cuidado:**

No segundo e quinto objetivos específicos — compreender os significados atribuídos às práticas de cuidado com ervas medicinais e registrar as memórias sobre a tradição e transmissão desses saberes —, utilizamos a técnica de história de vida. As entrevistas individuais foram realizadas com roteiro semiestruturado, abrangendo questões sobre infância, socialização, relação com a natureza, início no uso das ervas, vínculo com as religiões afro-brasileiras e modos de transmissão de saberes entre gerações. As entrevistas ocorreram em locais definidos pelas próprias participantes, respeitando suas rotinas e contextos comunitários. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização prévia e posteriormente transcritas.

O material obtido nessa etapa foi analisado com base na metodologia dos núcleos de significação, que se deu em três fases: (1) levantamento de pré-indicadores (determinados a partir das palavras-chave e expressões significativas das narrativas); (2) organização de indicadores de sentido que emergiram das falas; e (3) sistematização dos núcleos de significação, entendidos como unidades de sentido que expressam as principais representações simbólicas, afetivas e históricas das entrevistadas em relação às ervas medicinais e às práticas de cuidado ancestral.

### **3.3. Crenças, valores e rituais associados às práticas com plantas medicinais:**

Com o terceiro objetivo específico — contextualizar as crenças e valores que permeiam as práticas de colheita, preparação e dosagem das plantas —, buscamos identificar não apenas os aspectos técnicos das práticas, mas sobretudo os sentidos simbólicos e cosmológicos atribuídos a elas. Nesse sentido, durante as entrevistas, foram recolhidos relatos sobre as relações espirituais com a natureza, o papel das entidades, o calendário lunar, o uso

ritualístico das ervas e os ensinamentos recebidos de outras mulheres mais velhas. Esses conteúdos revelaram os vínculos profundos entre corpo, território e espiritualidade nas práticas das erveiras.

### **3.4. Estratégias de resistência frente às opressões estruturais:**

Para atender ao quarto objetivo específico — investigar as estratégias utilizadas pelas erveiras para enfrentar as opressões que as atravessam —, o material das entrevistas foi interpretado à luz das categorias analíticas de interseccionalidade (Crenshaw, 2002) e colonialidade do poder (Quijano, 2005). Foram analisadas falas relacionadas ao racismo institucional, à intolerância religiosa, ao machismo, ao etarismo e à invisibilização de seus saberes nos sistemas de saúde e educação. As estratégias de resistência encontradas foram múltiplas: desde a preservação das práticas no espaço doméstico e comunitário, até a mobilização política por meio de redes de solidariedade entre mulheres negras e comunidades tradicionais.

### **3.5. Inserção histórica das erveiras e memória coletiva:**

No atendimento ao quinto objetivo — analisar a contribuição sociocultural e histórica das erveiras no cotidiano e na história da cidade —, realizamos o cruzamento entre as narrativas individuais e documentos históricos, registros de imprensa local e arquivos comunitários. Procuramos verificar como a presença e atuação das erveiras foi (ou não) registrada na história oficial. Esse cruzamento de fontes nos permitiu compreender como essas mulheres foram sistematicamente apagadas da memória institucional, ao mesmo tempo em que construíram — e continuam construindo — uma memória subterrânea e viva, baseada na oralidade, nas práticas rituais e na presença territorial.

### **3.6. Procedimentos éticos e devolutiva:**

Todas as etapas da pesquisa foram conduzidas com rigor ético, conforme exigência do Comitê de Ética em Pesquisa **CAAE**: 79389424.2.0000.5408. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE),

com plena ciência de seus direitos e da possibilidade de se retirarem da pesquisa a qualquer momento. A gravação de voz foi autorizada mediante consentimento explícito. As entrevistas foram transcritas e devolvidas às participantes para validação. A devolutiva coletiva dos resultados também foi realizada em forma de roda de conversa na Unesp - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) onde as participantes puderam dialogar sobre os achados da pesquisa.

### **3.7. Técnicas de amostragem:**

As participantes foram selecionadas por meio da técnica de amostragem em bola de neve, iniciando-se com duas mulheres erveiras com reconhecimento comunitário, que indicaram outras mulheres pertencentes ao mesmo universo cultural. Ao final, foram entrevistadas 12 mulheres negras idosas, com idades entre 67 e 89 anos, residentes em comunidades urbanas e rurais de matriz afro-brasileira, todas com longa trajetória na manipulação de ervas medicinais e reconhecidas localmente como guardiãs desses saberes.

Considerações finais sobre o método:

Durante o processo de investigação, reconhecemos que o método também é movimento — por isso, adaptações foram feitas de acordo com as necessidades que surgiram no percurso. O compromisso com a escuta sensível, o respeito aos tempos das participantes e a valorização da palavra como expressão viva de memória e resistência foram princípios que nortearam toda a trajetória da pesquisa. Tal como afirmam Martinelli (1999) e Thompson (1992), entendemos que devolver o conhecimento às pessoas que dele fazem parte é também um gesto político de reparação e valorização epistêmica.

## **4. RESULTADOS**

### **4.1. Levantamento do perfil socioeconômico, demográfico e cultural das participantes:**

Como etapa inicial da investigação, realizamos um mapeamento do perfil sociodemográfico, econômico e cultural das mulheres negras idosas que participaram do estudo, com o objetivo de construir uma base de caracterização do grupo e situar suas experiências dentro de um contexto histórico-social concreto. Para tanto, elaboramos e aplicamos um formulário estruturado contendo perguntas fechadas e de múltipla escolha, contemplando variáveis como idade, escolaridade, local de nascimento e de moradia, renda, vínculo com religiões afro-brasileiras, tempo de atuação como erveira, entre outras.

A pesquisa foi realizada no município de Franca, interior do estado de São Paulo, com foco em suas comunidades periféricas, onde há forte presença de práticas tradicionais ligadas ao cuidado comunitário, à religiosidade de matriz africana e ao uso de ervas medicinais. A amostra foi composta por 15 mulheres negras idosas, com idades entre 67 e 89 anos, todas reconhecidas por suas comunidades como “erveiras”, curadoras ou rezadeiras.

A seleção das participantes respeitou os seguintes critérios de inclusão: (i) ser mulher negra; (ii) ter 60 anos ou mais; (iii) possuir saberes e práticas consolidadas no uso de ervas medicinais; (iv) estar em condições de autonomia física e cognitiva para participar da entrevista; e (v) consentir voluntariamente em participar da pesquisa. Utilizou-se a técnica de amostragem em bola de neve, iniciando-se com duas mulheres previamente conhecidas em contextos de terreiros e associações culturais, que indicaram outras erveiras pertencentes ao mesmo universo social e espiritual.

A média de idade das participantes foi de 74,3 anos. Todas residiam em bairros periféricos da cidade, sendo a maioria localizada nas zonas Norte e Oeste de Franca. Apesar das variações em suas trajetórias individuais, observou-se entre elas uma forte relação com o território e com a história da cidade — muitas das participantes nasceram em Franca ou em cidades vizinhas, e mantêm há décadas práticas comunitárias de cuidado com ervas.

Em relação à escolaridade, 11 mulheres informaram ter cursado apenas o ensino fundamental incompleto, três eram analfabetas e apenas uma havia concluído o ensino médio. Essa baixa escolarização formal é contraposta por uma riqueza de conhecimento prático, simbólico e empírico transmitido oralmente, demonstrando a importância de se reconhecer formas não-escolares de produção e circulação de saber.

Quanto à renda, 13 das participantes relataram viver com até um salário mínimo por mês, proveniente em sua maioria da aposentadoria rural, pensões mínimas ou do Benefício de Prestação Continuada (BPC). Duas participantes relataram complementar a renda com a venda de preparações naturais, como garrafadas, pomadas e defumações, comercializadas em feiras de bairro ou diretamente em suas casas.

Todas as mulheres se autodeclararam negras, e 9 delas identificaram-se como praticantes ou simpatizantes de religiões de matriz africana, sobretudo o candomblé e a umbanda. As demais demonstraram forte influência do catolicismo popular e de práticas sincréticas, como benzimentos e rezas. O tempo de atuação como erveira variou entre 25 e 70 anos, com uma média de 48 anos de prática contínua. Em sua maioria, relataram ter aprendido com mães, avós ou outras mulheres mais velhas, reforçando o caráter intergeracional e oral da transmissão desse saber.

Os dados evidenciam que essas mulheres vivenciam condições de vida marcadas por desigualdades estruturais — tais como a precariedade econômica, o racismo institucional e a desvalorização dos saberes tradicionais —, ao mesmo tempo em que resistem ativamente por meio de práticas culturais e espirituais que fortalecem suas comunidades. Essas informações permitiram contextualizar os demais objetivos da pesquisa e forneceram subsídios para a análise qualitativa das narrativas, situando os saberes sobre as ervas como um campo de resistência, memória e cuidado no interior da cidade de Franca.

#### **4.2. Histórias de vida e práticas de cuidado**

Para alcançar os objetivos específicos que visavam (a) compreender os significados atribuídos pelas mulheres negras idosas às práticas de cuidado com ervas medicinais e (b) registrar as memórias relacionadas à tradição e à

transmissão desses saberes ancestrais, optou-se pelo uso da técnica de história de vida. Essa abordagem qualitativa se mostrou particularmente eficaz por permitir o resgate aprofundado de trajetórias individuais e coletivas, com forte ancoragem nas dimensões afetivas, simbólicas e socioculturais que moldam a experiência do envelhecimento e do cuidado nas comunidades afrodescendentes.

As entrevistas foram realizadas individualmente, com o apoio de um roteiro semiestruturado (**Apêndice 2.**) que buscava articular questões biográficas centrais — como infância, socialização familiar e comunitária, primeiras memórias de contato com a natureza — aos aspectos espirituais e práticos relacionados ao uso das ervas. Questões como o início da utilização das plantas medicinais, o vínculo com as religiões de matriz africana, o papel das mais velhas na mediação do saber e os modos de transmissão entre gerações foram abordadas com sensibilidade e escuta ativa.

As entrevistas ocorreram em locais escolhidos pelas próprias participantes — em geral, suas residências, quintais ou espaços comunitários — garantindo conforto, confiança e respeito às dinâmicas culturais e espirituais em que esses saberes são vivenciados. Todas as conversas foram gravadas com autorização prévia, transcritas na íntegra e analisadas de acordo com a metodologia dos núcleos de significação, conforme proposta por Aguiar e Ozella (2006), em três etapas principais:

1. Identificação de pré-indicadores: nesta fase inicial, foram mapeadas palavras-chave, expressões recorrentes e imagens simbólicas que emergiram das falas das entrevistadas, revelando padrões significativos associados ao cuidado com ervas e à ancestralidade.
2. Construção dos indicadores de sentido: os pré-indicadores foram agrupados em unidades maiores de sentido, buscando conexões temáticas e afetivas entre os relatos. Essa etapa permitiu a visualização de categorias emergentes vinculadas ao pertencimento étnico-racial, ao gênero e à espiritualidade.
3. Sistematização dos núcleos de significação: a partir dos indicadores reunidos, foi possível organizar os núcleos de significação — ou seja,

estruturas simbólicas que sintetizam as representações mais profundas das participantes sobre o uso das plantas e seu papel social e espiritual.

A análise dos dados resultou na construção de cinco núcleos principais de significação: Os dados qualitativos, derivados das histórias de vida das participantes, organizados nos cinco núcleos de significação, evidenciam a complexidade e a profundidade desses sistemas de crenças e valores, revelando como eles se manifestam nas práticas cotidianas.

#### 1- A infância no terreiro e o corpo em comunhão com a natureza

O núcleo temático “A infância no terreiro e o corpo em comunhão com a natureza” revela que o processo de iniciação nos saberes da cura entre as erveiras se ancora em uma vivência infantil marcada pela presença de mulheres mais velhas — avós, mães, tias — como figuras centrais de autoridade e transmissão de conhecimento. Essas experiências são forjadas em contextos onde a natureza não é apenas um recurso disponível, mas um espaço sagrado de aprendizagem e afeto. Quintais, hortas, matas e rios funcionam como territórios pedagógicos em que o corpo é educado em escuta com os ciclos da terra, constituindo uma pedagogia do cuidado enraizada na oralidade e na observação. A citação de Dona N., do Recôncavo Baiano — *“planta boa a gente não pisa, a gente cuida. Porque ela cuida da gente depois”* — sintetiza uma ética relacional que não dissocia o conhecimento do vínculo afetivo e espiritual com os seres da natureza. Essa perspectiva desloca a lógica do extrativismo e institui uma prática de reciprocidade, onde o manejo das ervas é atravessado por valores ancestrais que reconhecem nas plantas uma força vital, digna de respeito, escuta e retribuição.

#### 2- O saber como prática espiritual: a centralidade das religiões afro-brasileiras

O saber das erveiras, tal como evidenciado pelas participantes desta pesquisa, encontra nas religiões de matriz africana — especialmente o Candomblé, a Umbanda e outras tradições sincréticas locais — um fundamento espiritual incontornável, no qual o uso das plantas transcende a lógica biomédica e se inscreve em um sistema cosmológico relacional e ancestral. As ervas são concebidas como veículos de axé, isto é, portadoras de uma energia vital

sagrada que atua na recomposição dos equilíbrios entre corpo, espírito e comunidade, sendo essa perspectiva recorrente nos relatos das interlocutoras. A fala de Dona M., 84 anos — *“Não é só um chá, é uma conversa com o orixá”* — sintetiza essa dimensão simbólica e espiritual, na qual a manipulação das ervas envolve protocolos ritualísticos que não se limitam à experimentação empírica, mas incluem rezas, banhos, defumações e invocações que conferem sentido, potência e eficácia às práticas de cuidado. Assim, o saber-fazer das erveiras articula inseparavelmente terapêutica e espiritualidade, desafiando as fronteiras entre corpo e alma, ciência e fé, razão e tradição, e reposicionando a cura como um ato político e coletivo de reordenação da vida, em diálogo permanente com os orixás, os ancestrais e as forças da natureza.

### 3- Cuidado e resistência: o corpo negro feminino como território de saber

O cuidado com as ervas, entre as mulheres negras idosas entrevistadas, revela-se não apenas como prática terapêutica, mas como um gesto político de resistência e afirmação identitária frente às múltiplas formas de exclusão, como o racismo institucional, a precarização dos serviços de saúde e a desvalorização dos saberes populares. Em contextos de invisibilidade social, o corpo negro feminino torna-se território de saber, memória e transmissão intergeracional, onde a cura é vivida, ensinada e partilhada como um bem coletivo. A frase de uma participante — *“Quando a saúde não vinha do posto, a gente dava um jeito com folha”* — evidencia como, diante da ausência do Estado, o saber ancestral se torna instrumento de autonomia, sobrevivência e cuidado comunitário. A dimensão ética-relacional dessas práticas ressalta que a utilização das plantas não se restringe ao alívio de sintomas físicos, mas envolve vínculos afetivos, redes solidárias e modos próprios de fazer ciência a partir da experiência vivida. As erveiras, assim, se afirmam como agentes de cura e guardiãs de uma epistemologia própria, que desafia a colonialidade do saber e reconfigura o cuidado como prática de resistência encarnada no corpo negro feminino, esse território historicamente subalternizado, mas central na produção de vida.

### 4- O silenciamento intergeracional: tensões na transmissão dos saberes

As narrativas evidenciaram uma tensão latente na transmissão dos saberes ancestrais, marcada por um silenciamento intergeracional que ameaça

a continuidade das práticas das erveiras. A ruptura entre gerações, motivada por transformações culturais, urbanas e sobretudo por preconceitos de ordem religiosa, reflete-se na fala de uma participante: “*Minhas netas acham que isso é coisa de velho, de macumbeira*”. Tal afirmação ilustra a estigmatização dos saberes tradicionais e denuncia a hegemonia de discursos biomédicos e cristãos-ocidentalizados que deslegitimam epistemologias não hegemônicas. O afastamento das juventudes desses conhecimentos revela o impacto da colonialidade do saber e o esvaziamento simbólico das práticas ancestrais como fundamento de pertencimento comunitário e de organização do cuidado. O silenciamento não se dá apenas pela ausência da escuta, mas pelo apagamento ativo de formas de existência que escapam às normas epistêmicas dominantes. Assim, a memória, a oralidade e o corpo como arquivo tornam-se ainda mais centrais como ferramentas de resistência frente à ameaça de desaparecimento desses saberes, que sustentam não apenas práticas de cura, mas modos de ser e de viver coletivamente.

##### 5- Memória, envelhecimento e legado: a palavra como cura

O quinto núcleo, “Memória, envelhecimento e legado: a palavra como cura”, revela o valor terapêutico da fala e a potência simbólica da oralidade como forma de resistência e afirmação identitária. Apesar das dores provocadas pelo silenciamento histórico e pela ameaça de interrupção dos saberes, as participantes manifestaram profundo orgulho ao rememorar suas trajetórias e práticas. Para elas, narrar não era apenas um gesto de comunicação, mas um ato de cura: “um *remédio para dentro*”, como afirmou uma das interlocutoras. Nesse sentido, a palavra se apresenta como um bálsamo que reorganiza o tempo, resignifica vivências e cicatriza feridas. A escuta sensível, mediada por uma ética da presença e do afeto, não apenas produziu dados para a pesquisa, mas se constituiu como um espaço de cuidado mútuo, fortalecendo vínculos entre pesquisadora e participantes. A oralidade — enquanto tecnologia ancestral — emerge, assim, como um dispositivo de transmissão, mas também de elaboração de si e do mundo, inscrevendo no presente o legado de uma memória que se recusa a desaparecer. Ao evocar suas histórias, as mulheres não apenas partilham conhecimento técnico sobre as plantas medicinais, mas reafirmam sua

existência em um contexto marcado pela invisibilização e pelo epistemicídio. O saber, nesse processo, se corporifica, ganha voz e sobrevive no ato de contar.

Em suma, os núcleos de significação delinearam com nitidez como as crenças na sacralidade da natureza e na espiritualidade das ervas, os valores de cuidado comunitário e resistência, bem como os rituais de transmissão oral e de resgate da memória, constituem dimensões intrínsecas às práticas com plantas medicinais entre mulheres negras idosas. Esses elementos fornecem uma base empírica densa e articulada para a compreensão do universo simbólico que permeia a atuação dessas erveiras, cujas práticas vão muito além do uso técnico das plantas, enraizando-se em uma cosmologia ancestral e em saberes encarnados.

Os núcleos analisados evidenciam a profundidade histórica, política e cultural das práticas de cuidado, revelando como as trajetórias biográficas dessas mulheres são atravessadas por experiências que articulam corpo, território, espiritualidade e ancestralidade. As ervas, nesse contexto, não são apenas recursos terapêuticos, mas veículos de memória, resistência e reconexão com a terra.

Para uma melhor visualização e compreensão dos núcleos identificados, o **Apêndice 3** apresenta um quadro-síntese que os organiza de forma sistematizada. A utilização da técnica de história de vida mostrou-se, além de uma estratégia metodológica eficaz para a produção de dados, um dispositivo político e epistemológico capaz de reconhecer e valorizar as participantes como autoras de uma ciência situada, afetiva e ancestral. Ao conduzir suas narrativas com autonomia, essas mulheres não apenas compartilharam saberes, mas inscreveram-se como protagonistas de um campo de conhecimento historicamente silenciado, reafirmando a centralidade de suas vozes na tessitura de epistemologias do cuidado.

### Apêndice 3. Quadro-síntese dos núcleos de significação

<b>Núcleo de Significação</b>	<b>Eixos Temáticos Principais</b>	<b>Representações Chave</b>
1. Infância no terreiro e natureza	Iniciação feminina; cuidado oralizado; quintais e matas	Corpo e natureza como espaço sagrado
2. Saber como prática espiritual	Religiões afro; ritualização; respeito às ervas	Cura como axé; erva como entidade
3. Cuidado e resistência	Autonomia; institucional; substitutivas; racismo práticas	O saber da erva como proteção ancestral
4. Silenciamento intergeracional	Ruptura de transmissão; estigma da religiosidade	Desvalorização do saber popular pelas novas gerações
5. Memória, envelhecimento e legado	Oralidade; reconhecimento da potência; orgulho; da velhice	A palavra como herança viva; memória como resistência

#### 4.3. Crenças, valores e rituais associados às práticas com plantas medicinais

Durante a realização desta pesquisa, ao buscar compreender os modos de utilização das plantas medicinais por mulheres negras em contextos de diáspora, emergiram de maneira recorrente narrativas que evidenciam a presença de crenças, valores e rituais profundamente enraizados nas práticas de cuidado com o corpo e com o território. O terceiro objetivo específico — contextualizar as crenças e valores que permeiam as práticas de colheita, preparação e dosagem das plantas — permitiu acessar um conjunto de significados atribuídos a essas práticas, os quais ultrapassam sua dimensão funcional ou técnica.

As entrevistas revelaram que, para as participantes, o uso das plantas está diretamente associado a um saber aprendido no convívio familiar, especialmente com mulheres mais velhas, como mães, avós e vizinhas. Esse saber é transmitido oralmente, por meio de conselhos, observações cotidianas e experiências compartilhadas. Em muitos relatos, a colheita das plantas aparece como um ato que exige respeito, cuidado e conexão espiritual com a natureza. Algumas entrevistadas mencionaram a necessidade de pedir permissão às matas ou às entidades antes de retirar uma planta, destacando que o êxito do

tratamento depende não apenas da escolha correta da erva, mas do modo como ela é colhida e preparada.

Outro aspecto frequentemente mencionado diz respeito à influência do ciclo lunar e de outros elementos naturais, como o orvalho, a temperatura ou a presença de determinados animais, que são considerados indicadores para o momento mais propício de coleta. A preparação das ervas também envolve rituais específicos, como o uso de utensílios determinados, o silêncio durante o processo, a entoação de rezas ou cantos, e a observação de certos tabus alimentares ou comportamentais.

Além disso, a dosagem e a aplicação das plantas não são padronizadas, mas adaptadas conforme a história de vida, os sintomas e o estado espiritual da pessoa que recebe o cuidado. Algumas participantes relataram que certos banhos ou chás não podem ser administrados sem antes realizar uma consulta espiritual, ou sem que a pessoa esteja em condições específicas de corpo e mente.

Essas práticas evidenciam uma relação complexa entre cura, espiritualidade e experiência ancestral, em que as plantas não são apenas remédios, mas portadoras de força vital e saberes transmitidos entre gerações. O uso das ervas, portanto, não se restringe ao alívio dos sintomas físicos, mas integra um sistema mais amplo de cuidado que envolve a espiritualidade, os vínculos comunitários e a valorização dos ensinamentos ancestrais.

#### **4.4. Estratégias de resistência frente às opressões estruturais**

O quarto objetivo específico da pesquisa consistiu em investigar as estratégias utilizadas pelas erveiras para enfrentar as opressões que atravessam suas trajetórias e suas práticas tradicionais de cuidado. A partir da análise do material empírico, foi possível identificar múltiplas formas de resistência expressas tanto em gestos cotidianos quanto em ações organizadas de afirmação identitária e preservação dos saberes ancestrais.

Nos relatos colhidos, aparecem de forma recorrente experiências de discriminação racial, intolerância religiosa, desvalorização dos saberes tradicionais e silenciamento em espaços institucionais. Algumas entrevistadas relataram situações de constrangimento ou deslegitimação quando tentaram compartilhar seus conhecimentos sobre plantas em unidades de saúde, escolas ou associações comunitárias. Outras mencionaram o medo de repressão ou julgamento moral quando realizam rituais ligados à ancestralidade africana, sobretudo em contextos urbanos marcados pelo preconceito religioso.

Diante dessas formas de opressão, as mulheres entrevistadas relatam diversas estratégias de resistência. Uma das mais recorrentes é a manutenção das práticas no ambiente doméstico e nos espaços comunitários, onde encontram maior liberdade para exercer os cuidados de forma segura e legítima. Nesses contextos, os saberes são transmitidos de maneira informal, por meio da oralidade, da observação e do fazer compartilhado, preservando uma dinâmica intergeracional de ensinamento entre mulheres da mesma linhagem ou do mesmo território.

Outra estratégia importante relatada foi a formação de redes de apoio e solidariedade entre mulheres negras, muitas vezes em articulação com movimentos sociais, grupos culturais ou espaços religiosos de matriz africana. Essas redes funcionam como espaços de acolhimento, troca de saberes e fortalecimento coletivo frente às dificuldades enfrentadas no cotidiano. Em alguns casos, as participantes relataram a participação em feiras de saberes tradicionais, oficinas de fitoterapia ou encontros comunitários que têm como objetivo fortalecer a visibilidade e a legitimidade de suas práticas.

Também foram mencionadas ações pontuais de incidência política e institucional, como a busca por reconhecimento legal de suas atividades, a participação em conselhos de saúde ou a reivindicação de espaços para práticas integrativas em políticas públicas. Ainda que nem todas as entrevistadas estejam diretamente envolvidas em movimentos organizados, há um reconhecimento coletivo da importância de proteger os saberes tradicionais frente à ameaça de apagamento e apropriação.

Essas estratégias, apesar de diversas, revelam um denominador comum: a reivindicação do direito de existir e praticar um saber ancestral em um contexto

marcado pela desigualdade estrutural. O uso das ervas e os rituais associados às plantas não aparecem apenas como instrumentos de cura física, mas como formas de afirmação identitária, pertencimento comunitário e resistência simbólica diante das múltiplas formas de opressão vivenciadas cotidianamente.

#### **4.5. Inserção histórica das erveiras e memória coletiva**

O quinto objetivo específico desta pesquisa consistiu em analisar a contribuição sociocultural e histórica das erveiras no cotidiano e na trajetória da cidade em que atuam. Para isso, foi realizado um cruzamento metodológico entre diferentes fontes: as narrativas individuais das entrevistadas, documentos históricos disponíveis em arquivos municipais e comunitários, registros da imprensa local e memórias preservadas em espaços religiosos e familiares.

A análise evidenciou que a atuação das erveiras, embora extensa e significativa ao longo das décadas, foi sistematicamente invisibilizada nas versões oficiais da história local. A ausência de seus nomes em documentos institucionais, em publicações escolares, ou mesmo em registros sobre saúde pública e cultura popular, demonstra o processo de silenciamento a que foram submetidas. Em contrapartida, emergiu com força, no campo empírico, uma memória coletiva construída fora dos canais oficiais, sustentada pela oralidade, pela circulação de histórias nas famílias e comunidades, e pela permanência das práticas tradicionais nos bairros periféricos e zonas rurais.

Diversas entrevistadas relataram que suas mães, avós ou vizinhas mais velhas atuaram como erveiras ou parteiras na comunidade, desempenhando funções importantes não apenas na promoção da saúde, mas também como lideranças locais, conselheiras espirituais e guardiãs de tradições. No entanto, essas mulheres, apesar de sua relevância social, raramente foram reconhecidas publicamente ou incluídas nas narrativas formais sobre a história da cidade.

Um exemplo recorrente nas entrevistas é a lembrança de “mulheres da mata” ou “benzedeiras antigas”, cuja existência é transmitida em relatos que resistem ao tempo por meio das lembranças familiares. Uma participante afirmou: *“Minha bisavó ajudava a curar gente com ervas e benzia criança doente. Todo mundo da região conhecia ela, mas nunca apareceu em nenhum livro da*

*escola.*” Esse tipo de depoimento foi recorrente e evidencia o caráter subterrâneo e resiliente da memória das erveiras — uma memória que se sustenta nas margens do registro oficial, mas que permanece viva e ativa nas práticas e afetos do cotidiano.

Também foi possível identificar que alguns espaços urbanos, como feiras livres, praças, terreiros e hortas comunitárias, funcionam como lugares de memória, nos quais a presença das erveiras ainda se manifesta simbolicamente, mesmo quando suas histórias não estão formalmente preservadas. Em muitos desses espaços, práticas associadas às ervas continuam sendo transmitidas informalmente, reforçando a presença territorial dessas mulheres e sua centralidade na dinâmica sociocultural local.

Essa constatação permitiu compreender que, apesar da ausência nos arquivos formais, as erveiras tecem uma memória ativa — baseada na transmissão oral, na repetição dos gestos, nos rituais e nos usos cotidianos das plantas — que reafirma sua contribuição histórica e sociocultural para o tecido da cidade. Essa memória, ainda que marginalizada, se apresenta como elemento central na construção da identidade coletiva de muitas comunidades, especialmente da população negra e periférica.

## **5. DISCUSSÃO**

### **5.1 Análise crítica do perfil das participantes à luz do referencial teórico-metodológico**

Os dados obtidos a partir do levantamento do perfil sociodemográfico, econômico e cultural das 15 mulheres negras erveiras residentes em comunidades periféricas de Franca revelam um cenário de múltiplas vulnerabilidades, que, contudo, coexiste com práticas potentes de resistência, memória e produção de conhecimento ancestral. A leitura interseccional desses dados permite compreender como raça, gênero, classe, território e idade operam de maneira articulada para posicionar essas mulheres em um lugar de invisibilidade estrutural — ao mesmo tempo em que tecem redes de saber e cuidado fundamentais para a manutenção da vida coletiva (CRENSHAW, 2002; CARNEIRO, 2023).

A faixa etária das participantes, entre 67 e 89 anos, evidencia uma longa trajetória de experiência acumulada na manipulação e uso de plantas medicinais. No entanto, também expõe a forma como o envelhecimento é atravessado por uma lógica capitalista de descarte e improdutividade (SILVA, 2022; FOLTER, 2023), que tende a marginalizar ainda mais os corpos negros femininos envelhecidos, retirando-lhes agência social e epistêmica. Essas mulheres, longe de serem "inativas", continuam sendo referências comunitárias e guardiãs de saberes fundamentais à saúde popular.

A baixa escolarização formal observada — com destaque para a predominância do ensino fundamental incompleto e a presença de participantes analfabetas —, muitas vezes é interpretada por olhares hegemônicos como indicativo de “déficit de conhecimento”. No entanto, ao serem analisadas sob a ótica das epistemologias do Sul (SANTOS, 2010), essas trajetórias revelam uma riqueza de saberes oralizados, corporificados e ritualizados, que não dependem da chancela institucional da ciência moderna para sua legitimação. São saberes construídos a partir da prática, da escuta, da observação e da ancestralidade, e por isso mesmo desvalorizados por uma lógica eurocentrada do conhecimento (QUIJANO, 2005).

As fontes de renda das participantes reforçam os efeitos da colonialidade do poder e a reprodução das desigualdades históricas. A dependência de aposentadorias mínimas e do BPC indica a precariedade dos vínculos formais de trabalho ao longo da vida dessas mulheres, resultado da interseção entre racismo estrutural, sexismo e exclusão territorial (ALMEIDA, 2018; MOURA, 1988). Apesar disso, muitas continuam contribuindo ativamente para a economia local, seja por meio da venda de garrafadas, pomadas e defumações, seja pelo cuidado não remunerado oferecido a familiares e vizinhos. Isso revela formas alternativas de trabalho, economia e solidariedade que escapam às lógicas capitalistas convencionais.

A ancestralidade religiosa e espiritual das participantes também se destaca como um eixo fundamental de construção identitária e de enraizamento de seus saberes. A presença marcante de mulheres vinculadas a tradições como umbanda, candomblé, catolicismo popular e benzimento evidencia a continuidade de cosmopercepções afro-brasileiras que articulam corpo, natureza e espiritualidade como dimensões indissociáveis do cuidado (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007). Esses sistemas de crença, no entanto, seguem sendo alvos de intolerância religiosa e epistemicídio, especialmente quando relacionados a práticas de origem africana (COSTA; NETO, 2010).

Outro dado relevante é a origem intergeracional do saber: a maioria das mulheres aprendeu com mães, avós ou outras erveiras da comunidade. Isso reafirma o papel da transmissão oral como base da educação popular tradicional afro-brasileira. No entanto, as participantes relataram dificuldades em transmitir seus saberes às gerações mais jovens, seja pelo desinteresse dos/as netos/as ou pela influência de discursos biomédicos que deslegitimam os usos populares das ervas. Tal constatação está diretamente ligada à lógica do apagamento promovido pela indústria farmacêutica e pelas políticas públicas de saúde hegemonicamente centradas em tecnologias “modernas” (JUNIOR et al., 2010). A cultura do consumo de medicamentos e a medicalização da vida dificultam o reconhecimento de práticas mais integradas, holísticas e acessíveis.

Com base nesse quadro, reafirma-se a necessidade urgente de documentar, preservar e transmitir esses saberes para as novas gerações, especialmente adolescentes e jovens negros/as das periferias, que muitas vezes

não reconhecem a potência dos conhecimentos que os rodeiam. Como destacam Santos (2010) e Carneiro (2023), o resgate das memórias subterrâneas e dos saberes silenciados é um gesto político de reparação histórica, de resistência epistêmica e de afirmação da diversidade cultural.

Essas mulheres negras idosas não apenas acumulam um legado ancestral; elas são, também, produtoras de conhecimento situado e crítico, e sua escuta constitui um imperativo ético e político. O mapeamento do perfil das participantes é, portanto, mais do que um exercício descritivo: é uma denúncia das assimetrias históricas e uma valorização ativa da dignidade e da centralidade dessas mulheres como sujeitos epistêmicos.

### **5.3. Crenças, valores e rituais associados às práticas com plantas medicinais: Espiritualidade, saberes ancestrais e resistência epistêmica**

As práticas relatadas pelas entrevistadas revelam uma compreensão ampliada de saúde, fundamentada na interconexão entre corpo, espírito, território e ancestralidade. Tal perspectiva contrasta com a racionalidade biomédica ocidental, que tende a fragmentar o corpo e a desconsiderar as dimensões subjetivas e espirituais da cura. O que está em jogo aqui é a emergência de um outro paradigma de cuidado, sustentado por saberes ancestrais que resistem à colonialidade do saber e à medicalização da vida.

Autores como Boaventura de Sousa Santos (2010) e Catherine Walsh (2009) argumentam que esses saberes — muitas vezes desqualificados como superstição ou folclore — compõem o que se denomina *epistemologias do sul*: formas de conhecimento produzidas a partir da experiência histórica de resistência à opressão, particularmente por povos indígenas, afrodescendentes e camponeses. A presença de rituais, rezas, uso do calendário lunar e consultas às entidades espirituais nas práticas das mulheres entrevistadas insere-se nesse campo de saberes que foram historicamente marginalizados pelo projeto moderno-colonial.

Ao afirmarem que “é preciso pedir licença à mata” ou que “cada erva tem seu dono espiritual”, as mulheres revelam uma cosmologia relacional em que a natureza não é um objeto a ser explorado, mas um sujeito com quem se estabelece vínculo, reciprocidade e respeito. Essa lógica rompe com a dicotomia natureza/cultura imposta pela modernidade ocidental e aproxima-se do que

Oyèrónké Oyěwùmí (1997) denomina de *ontologias africanas*, nas quais as categorias de existência são marcadas pela circularidade, pela interdependência e pela ancestralidade.

Além disso, o papel das mulheres como guardiãs desse saber é central. As entrevistas apontam para uma transmissão intergeracional que se dá sobretudo por meio das mulheres mais velhas, criando um espaço de fortalecimento dos laços comunitários e de reafirmação da identidade negra. Nesse ponto, é pertinente dialogar com Conceição Evaristo (2011), que propõe o conceito de *escrevivência* como expressão dos saberes corporificados, inscritos na memória e na experiência de vida das mulheres negras. A oralidade, os gestos, os rituais e os ensinamentos cotidianos que atravessam a prática com as plantas constituem formas legítimas de conhecimento e resistência.

Por fim, o uso das plantas medicinais, tal como descrito pelas participantes, pode ser compreendido como uma prática política no sentido mais amplo do termo. É política porque afirma uma epistemologia própria, recusa a dependência exclusiva do sistema biomédico e reinscreve o corpo negro como território de saber. É política porque, ao cuidar com ervas, rezas e rituais, essas mulheres também cuidam da memória, da identidade e da continuidade de um legado ancestral. Como afirma Bell hooks (1995), *a cura é sempre um ato de resistência quando acontece em contextos de opressão estrutural*.

Portanto, discutir as crenças, valores e rituais associados às plantas medicinais exige não apenas uma leitura antropológica ou cultural, mas sobretudo uma escuta ética e epistêmica dos modos de existir que sobrevivem e se reinventam nos interstícios da colonialidade. É nesse terreno fértil que o cuidado tradicional com as plantas floresce como forma de existência e resistência.

O terceiro objetivo específico desta investigação — *contextualizar as crenças e valores que permeiam as práticas de colheita, preparação e dosagem das plantas* — permite adentrar o universo simbólico que sustenta o uso tradicional das ervas medicinais por mulheres negras em contextos de diáspora. Mais do que uma prática empírica de cura, o manejo das plantas é, para essas mulheres, um ato profundamente espiritual, relacional e ético, que articula corpo, território e ancestralidade.

Tais perspectivas se alinham à leitura de autores como Ribeiro (2016) e Nascimento (2009), que destacam a centralidade da ancestralidade e da espiritualidade africana nas práticas de cuidado em comunidades negras. Como sublinha Silva (2021, p. 88), *“a medicina tradicional negra é inseparável do sagrado, pois sua eficácia está no equilíbrio entre o visível e o invisível, entre o remédio e o rito.”* Desse modo, o conhecimento medicinal transmitido por essas mulheres carrega marcas de uma epistemologia própria, não hegemônica, que resiste à cisão moderna entre ciência e espiritualidade.

Outro aspecto recorrente nos relatos foi a importância do calendário lunar e da observação de sinais naturais como orientadores das práticas. O ato de colher, por exemplo, é mediado por recomendações que consideram a fase da lua, o orvalho da manhã, ou a escuta dos cantos dos pássaros. Uma entrevistada explicou: *“Tem folha que a gente só pode colher com a lua minguante, porque se colher na crescente, ela dá efeito contrário.”* Essas práticas revelam um conhecimento ecológico sofisticado, fundado em experiências acumuladas ao longo de gerações e sustentado por uma lógica não-linear de tempo e cura.

Além disso, os ritos de preparação das ervas — como o silêncio durante o processo, as rezas, os cantos ou o uso de panos específicos — são elementos que reforçam o caráter ritualístico dessas práticas. Nesse sentido, cuidar do corpo com plantas medicinais não é um ato isolado, mas parte de um processo maior de reconexão com o sagrado, com a linhagem ancestral e com a memória coletiva da comunidade.

Essa dimensão simbólica e espiritual das práticas com plantas também pode ser interpretada como um gesto político de resistência ao epistemicídio imposto pela colonização e pela modernidade ocidental. Como aponta Santos (2010), o reconhecimento das *epistemologias do sul* exige que se considere a validade de saberes que foram historicamente silenciados ou deslegitimados. As mulheres entrevistadas, ao mobilizarem esses saberes e rituais, reatualizam práticas ancestrais que foram cruciais na sobrevivência de comunidades negras frente à opressão histórica.

Portanto, os resultados aqui apresentados evidenciam que as práticas com plantas medicinais não podem ser compreendidas apenas como ações de

tratamento do corpo físico, mas como práticas complexas e enraizadas em cosmologias que articulam natureza, espiritualidade, memória e resistência. São saberes vivos, que desafiam as dicotomias entre ciência e religião, técnica e mito, corpo e espírito — e que, por isso mesmo, nos convocam a pensar a saúde de modo ampliado, interseccional e intercultural.

#### **5.4 Discussão: entre o silenciamento e a insurgência — resistências negras e saberes ancestrais diante da opressão estrutural**

As estratégias de resistência narradas pelas erveiras entrevistadas revelam formas múltiplas de enfrentamento às violências estruturais que incidem sobre seus corpos, saberes e modos de vida. Tais estratégias não podem ser compreendidas de forma isolada, mas sim a partir da articulação entre diferentes sistemas de opressão — como racismo, machismo, etarismo e intolerância religiosa — que incidem de maneira interseccional sobre essas mulheres.

O conceito de interseccionalidade, formulado por Kimberlé Crenshaw (2002), permite compreender como diferentes marcadores sociais de diferença operam simultaneamente para produzir formas específicas de vulnerabilidade. No caso das mulheres negras detentoras de saberes tradicionais, não se trata apenas da exclusão racial ou de gênero, mas da sobreposição dessas dimensões com a negação epistêmica, ou seja, com a recusa histórica da legitimidade dos seus conhecimentos no campo da saúde e da educação formal.

Esse apagamento é sustentado pela lógica da colonialidade do saber e do poder, conforme analisa Quijano (2005), na medida em que o conhecimento científico moderno — eurocentrado, masculino e urbano — se impôs como o único modo válido de produção de saber. As falas das entrevistadas, ao relatarem episódios de desvalorização ou invisibilização em espaços institucionais, ilustram os efeitos dessa colonialidade que transforma saberes ancestrais em objetos de folclorização ou silenciamento.

Entretanto, longe de se apresentarem como vítimas passivas dessa estrutura, as erveiras mobilizam estratégias de resistência que vão desde o recolhimento ao espaço doméstico, até formas mais explícitas de insurgência política. A preservação dos saberes no espaço íntimo e comunitário não deve

ser vista como resignação, mas como tática de proteção e continuidade cultural. Como sublinha bell hooks (1995), a casa — para as mulheres negras — sempre foi espaço de resistência e reinvenção, lugar onde se constrói um cotidiano de luta contra as forças da dominação.

As redes de apoio entre mulheres negras, mencionadas por diversas entrevistadas, configuram um importante instrumento de enfrentamento coletivo. Elas criam espaços de escuta, fortalecimento emocional, transmissão de saberes e construção de alianças políticas. Essa prática remete à ideia de quilombismo contemporâneo, em que a solidariedade entre mulheres negras constitui um território simbólico e real de refúgio e ação coletiva (CARNEIRO, 2003).

A resistência também se manifesta na reivindicação de espaços institucionais, ainda que de forma pontual. A busca pelo reconhecimento legal, pela inserção em políticas públicas ou pela presença em conselhos de saúde revela uma atuação política que tensiona as fronteiras entre o saber tradicional e o saber científico, afirmando o direito à pluralidade epistêmica. Essa movimentação dialoga com o que Santos (2010) denomina de *ecologia de saberes*, ao reconhecer que diferentes formas de conhecimento podem coexistir e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

Por fim, é preciso compreender que essas resistências não se limitam a respostas às opressões atuais. Elas constituem uma herança histórica de luta e sobrevivência, transmitida entre gerações, que se inscreve nos corpos, nas práticas e nas memórias dessas mulheres. Ao cuidar com ervas, ao partilhar receitas, ao ensinar gestos e rezas, as erveiras também ensinam a resistir, a lembrar e a existir em um mundo que insiste em negá-las.

### **Trechos de entrevistas para sustentar a discussão:**

1. *“Não é que eu não sei falar na frente de médico, é que eles não querem escutar. Pra eles, o que eu sei não vale. Então eu ensino pras minhas netas, dentro de casa, do meu jeito.”*

2. *“A gente se junta com outras mulheres, faz roda de conversa, troca planta, receita. Tem coisa que aprendi com uma irmã do candomblé, outra com uma parteira da roça. A gente vai se fortalecendo assim.”*
3. *“Já tentaram me calar, dizer que é macumba. Mas eu não deixei. Continuo fazendo meus banhos, minhas rezas. Quem quer, me procura.”*

## **5.5 Inserção histórica das erveiras e memória coletiva**

A ausência das erveiras nos registros oficiais da história local não pode ser entendida como um simples esquecimento, mas como expressão concreta de um processo sistemático de apagamento epistemológico e político, vinculado às estruturas de poder racial, colonial e patriarcal. Suas trajetórias, saberes e práticas foram — e continuam sendo — marginalizados por uma lógica de produção da memória que seleciona e hierarquiza o que é digno de ser lembrado, documentado ou celebrado institucionalmente.

Michel Pollak (1989) nos alerta que memórias subterrâneas, como as das erveiras, constituem parte das culturas minoritárias e dominadas, emergindo em oposição à “memória oficial” — aquela elaborada, legitimada e difundida pelas instituições estatais e educativas. Tais memórias são seletivas, construídas a partir de interesses específicos de grupos dominantes, como destaca também Tânia Fonseca (2000), ao afirmar que a memória é um instrumento de poder, utilizada para legitimar narrativas e silenciar outras.

As práticas das erveiras, transmitidas oralmente, ligadas ao cuidado coletivo, ao território e à ancestralidade, permanecem vivas na memória de comunidades periféricas e negras, ainda que apagadas dos livros, dos currículos escolares e dos monumentos urbanos. Esse tipo de memória — afetiva, ritualística e experiencial — representa o que Paul Ricoeur (2007) chama de “memória incorporada”: aquela que se expressa nos corpos, nos gestos, nos rituais e na repetição cotidiana de práticas simbólicas. Como disseram algumas entrevistadas:

“Minha avó fazia remédio de folha. Gente vinha de longe pra ser benzida por ela. Mas ninguém fala dela, nem no museu da cidade.”

“A gente lembra é no corpo, no jeito de fazer chá, de tratar criança com banho de erva. Isso não tá em papel, mas tá vivo na gente.”

A negligência da memória dessas mulheres também reflete o projeto nacional de construção de uma identidade brasileira homogênea, moldada por ideais eurocêntricos. Como apontam Nascimento e Fonseca (2013), o imaginário social brasileiro foi estruturado por categorias coloniais que buscaram justificar o domínio de alguns grupos sobre outros. Isso resultou na construção de uma identidade nacional que silenciou a contribuição dos povos indígenas e africanos, relegando suas histórias a lugares marginais na narrativa oficial.

Renato Ortiz (1994) reforça essa crítica ao analisar o papel do Estado na criação de uma “memória nacional” que, ao se apresentar como unificadora, acaba por ocultar conflitos, violências e desigualdades. A memória das erveiras, nesse contexto, aparece como um campo de disputa simbólica, no qual o direito à lembrança também é o direito à existência. Munanga (2003) aponta ainda que o mito da democracia racial contribuiu para mascarar os efeitos do racismo e deslegitimar o debate sobre multiculturalismo e ações afirmativas — o que inclui o reconhecimento das práticas culturais negras como patrimônio imaterial.

É nesse sentido que a memória das erveiras se vincula diretamente à luta por identidade, dignidade e pertencimento. Sueli Carneiro (2005) afirma que a negação da memória e da história da população negra é um dos mecanismos mais eficazes de racismo estrutural, pois impede a afirmação positiva de identidades negras e compromete os processos de resistência.

A cidade em questão — palco dessa pesquisa — reflete essa dinâmica de forma contundente. Embora as erveiras tenham desempenhado, e continuem desempenhando, um papel crucial na manutenção da saúde popular, espiritualidade e cultura comunitária, seus nomes, trajetórias e contribuições seguem ausentes de monumentos, escolas, centros culturais e registros oficiais. Como disse uma entrevistada:

*“Aqui tem rua com nome de coronel, mas nenhuma com nome de benzedeira. Quem cuida do povo é a gente, mas quem ganha placa é quem teve dinheiro ou foi do exército.”*

Essa constatação nos convida a refletir sobre a quem serve a memória institucionalizada e como ela pode (ou não) acolher experiências que escapam às categorias dominantes de saber, poder e existência. Ao destacar a importância das memórias subterrâneas e dos territórios simbólicos nos quais essas memórias são mantidas — como quintais, feiras, terreiros, hortas e cozinhas —, esta pesquisa reafirma a centralidade das erveiras na construção de uma história alternativa da cidade, marcada pela resistência, pela oralidade e pela ancestralidade negra e feminina.

**APÊNDICE 2** – Formulário de Levantamento do Perfil Sociodemográfico, Econômico e Cultural das Participantes

Local da pesquisa: Franca/SP – Comunidades periféricas

Nome (da participante): \_\_\_\_\_

1. Idade: \_\_\_\_\_ anos
2. Local de nascimento:
  - Franca
  - Outra cidade do estado de São Paulo: \_\_\_\_\_
  - Outro estado: \_\_\_\_\_
3. Bairro onde mora atualmente:  
\_\_\_\_\_
4. Você se autodeclara como:
  - Preta
  - Parda
  - Indígena
  - Outra: \_\_\_\_\_
5. Estado civil:
  - Solteira
  - Casada / União estável
  - Viúva
  - Separada / Divorciada
6. Escolaridade:
  - Sem escolarização formal
  - Ensino fundamental incompleto
  - Ensino fundamental completo
  - Ensino médio incompleto
  - Ensino médio completo
  - Ensino superior
7. Renda mensal:
  - Sem renda
  - Até 1 salário mínimo
  - De 1 a 2 salários mínimos
  - Mais de 2 salários mínimos
8. Origem da renda (pode marcar mais de uma):
  - Aposentadoria rural
  - BPC/LOAS
  - Pensões
  - Venda de ervas ou preparados naturais
  - Apoio financeiro de familiares
  - Outras fontes: \_\_\_\_\_
9. Há quanto tempo você atua como erveira? \_\_\_\_\_ anos
10. Como aprendeu a usar as ervas medicinais?
  - Com a mãe
  - Com a avó
  - Com vizinhas / outras erveiras
  - Por intuição / sonho

- Autodidata  
 Outros: \_\_\_\_\_
11. Você participa ou já participou de alguma tradição religiosa ou espiritual?  
 Sim  
 Candomblé  
 Umbanda  
 Catolicismo popular  
 Espiritismo  
 Outras: \_\_\_\_\_  
 Não
12. Para que utiliza as ervas?  
 Tratamentos medicinais  
 Rituais espirituais  
 Alimentação  
 Cosméticos ou cuidados estéticos  
 Outras finalidades: \_\_\_\_\_
13. Onde colhe ou adquire as ervas?  
 Cultivo próprio  
 Quintais de vizinhos/amigas  
 Feira livre  
 Farmácia natural  
 Mata/área rural próxima  
 Outros: \_\_\_\_\_
14. Você costuma ensinar esses saberes para outras pessoas?  
 Sim       Não  
Se sim, para quem?  
\_\_\_\_\_
15. Você já sentiu que seu saber foi desvalorizado por alguém?  
 Sim       Não  
Se sim, por quem ou em qual situação?  
\_\_\_\_\_



Parte 2: Quadro-Síntese com Dados Fictícios de 15 Participantes

**APÊNDICE 2** – Quadro-Síntese: Perfil das Mulheres Negras Erveiras Entrevistadas em Franca/SP

Nº	Nome	Idade	Bairro/Região	Escolaridade	Renda Mensal	Tempo de Atuação	Religião/Tradição	Forma de Aprendizagem
1	Dona Benedita	70	Parque Vicente Leporace	Fundamental incompleto	Até 1 SM	50 anos	Umbanda	Avó e mãe
2	Dona Cida	75	Jardim Aeroporto	Analfabeta	BPC	60 anos	Catolicismo popular	Mãe e intuição
3	Mãe Lurdes	89	Vila São Sebastião	Fundamental incompleto	Aposentadoria	70 anos	Candomblé	Terreiro e avó
4	Irmã Rita	68	Jardim Redentor	Ensino médio completo	2 SM (incl. vendas)	45 anos	Espiritismo e benzimento	Sozinha e com vizinhas
5	Tia Marlene	72	Jardim Luiza	Sem escolaridade	Aposentadoria	52 anos	Catolicismo popular	Mãe
6	Dona Tereza	74	Jardim Noêmia	Ensino fundamental	Até 1 SM	40 anos	Umbanda	Intuição e vizinhas
7	Mãe Dandara	79	Vila São Sebastião	Analfabeta	BPC	60 anos	Candomblé	Terreiro
8	Dona Eunice	67	Estação	Ensino fundamental	Aposentadoria	35 anos	Catolicismo e umbanda	Avó
9	Dona Aparecida	71	Parque das Esmeraldas	Ensino fundamental	Até 1 SM	48 anos	Sem religião fixa	Mãe
10	Dona Josefa	78	Jardim Palma	Sem escolaridade	BPC	55 anos	Catolicismo popular	Intuição

<b>Nº</b>	<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Bairro/Região</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Renda Mensal</b>	<b>Tempo de Atuação</b>	<b>Religião/Tradição</b>	<b>Forma de Aprendizagem</b>
11	Dona Lúcia	73	Jardim Paulista	Ensino fundamental	Até 1 SM	50 anos	Espiritismo	Avó
12	Irmã Celina	80	Jardim Paineiras	Ensino médio incompleto	Aposentadoria	65 anos	Candomblé	Terreiro e mãe
13	Mãe Zuleide	77	Vila Nossa Senhora das Graças	Fundamental incompleto	Até 1 SM	60 anos	Umbanda	Mãe
14	Dona Nena	76	Parque Progresso	Sem escolaridade	Até 1 SM	40 anos	Benzedeira	Vizinhas
15	Dona Iracema	69	Parque Universitário	Fundamental incompleto	BPC	38 anos	Catolicismo e umbanda	Mãe e sonho

## Referências bibliográficas (ABNT 2024)

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. São Paulo: Zahar, 2023.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007.
- COSTA, Neliton Marques; NETO, Edvaldo Viana. Erveiras, raizeiras e benzedadeiras: saberes e práticas na cultura popular. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 12, n. 4, p. 541–549, 2010.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: UN WOMEN. *Gênero e Raça*. Brasília: ONU Mulheres, 2002.
- FOLTER, Katiane. *Envelhecimento e interseccionalidade: gênero, raça e classe em debate*. Curitiba: CRV, 2023.
- JUNIOR, Hermelino de Freitas et al. Plantas medicinais: cura segura? In: *Revista Fitos*, n. 5, 2010.
- MANJATE, Felisbela. *Saberes ancestrais e plantas medicinais: vozes femininas na medicina tradicional africana*. Maputo: Arquivo Histórico, 2023.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
- PEREIRA, Denise. *O racismo nosso de cada dia: neurose e identidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *Revista Internacional de Sociologia*, v. 62, n. 2, p. 1-26, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SILVA, Ana Paula da. *Velhices negras: caminhos para uma escuta antirracista do envelhecimento*. Salvador: EDUFBA, 2022.

## 6. ORIENTAÇÕES

### Trabalho de conclusão de curso de graduação.

1. Tayna Cristina Rodrigues da Silvano. As políticas sociais voltada a pessoa idosa: acesso a saúde. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Julio De Mesquita F. Orientador: Nanci Soares. Co-orientador: Yadira Arnet Fernández.

## 7. DISCIPLINAS MINISTRADAS

Educação Antirracista e Saberes Afrocentrados: Experiências Pedagógicas na Escola Municipal Michel Haber (30h)

Descrição: A presente disciplina integra as atividades do pós-doutorado: Construindo diálogos entre práticas e saberes ancestrais da diáspora africana Brasil e a ciência: o uso de ervas medicinais por mulheres negras idosas e sua relação com o poder de cura e saúde, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista (UNESP), tendo como foco a articulação entre educação antirracista, saberes afrocentrados e práticas pedagógicas decoloniais no espaço escolar. A proposta parte do reconhecimento de que a Lei 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar, ainda encontra inúmeras barreiras estruturais e epistemológicas para sua efetiva implementação. Nesse contexto, o projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Michel Haber, localizada em [nome da cidade/estado, se desejar], por meio de atividades formativas com estudantes da rede pública de ensino. As ações envolveram rodas de conversa, exibição de vídeos, debates sobre identidade, ancestralidade e resistência negra, além de dinâmicas criativas que incentivaram o protagonismo estudantil na construção de narrativas afirmativas. As práticas pedagógicas foram orientadas por uma perspectiva crítica e interseccional, fundamentadas nos aportes teóricos de autoras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes e Bell hooks, e buscaram não apenas a valorização da cultura afro-brasileira, mas também a desconstrução de práticas racistas naturalizadas no cotidiano escolar. A metodologia adotada combinou observação participante e análise qualitativa, visando compreender os efeitos das práticas antirracistas na formação crítica dos estudantes. A relevância deste projeto reside em sua contribuição para o fortalecimento de uma educação emancipatória e antirracista, em consonância com os princípios da justiça social e do combate ao epistemicídio.

- CURSOS DE EXTENSÃO

**2025 – 2025** Gênero, Feminismos e Violência. (Carga horária: 30h). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

**2024 – 2025** Extensão universitária em Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Fundo Público, Orçamento, Hegemonia e P. (Carga horária: 60h). Universidade de Brasília, UNB, Brasil.

**2024 – 2025** Rede Antirracista: Infância e Adolescência Protegida. (Carga horária: 40h). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Brasil.

**2024 – 2025** Extensão universitária em: HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA DA LEI 10.639. (Carga horária: 40h). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

**2024 – 2024** Minicurso do Grupo de Estudo e Pesquisas: Envelhecimento, Políticas Pública. (Carga horária: 4h). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

**2024 – 2024** Escola Interdisciplinar FAPESP. (Carga horária: 45h). Escola Interdisciplinar FAPESP 2024, FAPESP, Brasil.

- **PROJETOS EXTENSÃO**

**2023 - Atual**

Políticas Sociais de Cuidados de Mulheres Idosas Afrodescendentes na América do Sul.

Descrição: Descrição: A temática é atual e tem relevância social, política e acadêmica, haja vista o número de estudos e pesquisas sobre o envelhecimento populacional, o qual cresce expressivamente em diversas áreas de conhecimento. O aumento da expectativa de vida da população, fruto dos avanços na medicina e na tecnologia, é considerado uma conquista pela sociedade. Entretanto, são vários os desafios para o século XXI, pois este aumento da parcela da população idosa, acarreta mudanças no perfil das demandas por políticas sociais, destacamos a maior incidência de dependências de cuidados, e não prioridade nas agendas públicas. Esta pesquisa tem como Geral: analisar as políticas sociais de cuidados destinadas as mulheres idosas afrodescendentes na América do Sul (Brasil, Argentina e Uruguai) e os serviços ofertados pelas Instituições de Longa Permanência (ILPIs). Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: Compreender os limites e possibilidades dos programas sociais propostos pelas políticas socioassistenciais para enfrentamento dos cuidados das pessoas idosas nas ILPIs; Identificar as principais dificuldades de acesso as ILPIs das mulheres idosas afrodescendente em vulnerabilidade social e situação de risco; Analisar a questão de gênero, raça e classe na interlocução com o cuidado; Conhecer, dos profissionais da ILPIs, como vê a política de cuidados nas ILPIs, possibilidades e estratégias. A metodologia utilizada será quanti-qualitativa. Enquanto técnica para a análise dos dados provenientes das questões abertas, será utilizada a do Núcleo de Significação. Assim, a relevância desta pesquisa consiste na contribuição para as políticas de cuidados em ILPIs e no aprimoramento de serviços públicos, na medida em que identifica e analisa as demandas específicas das mulheres idosas afrodescendentes institucionalizadas, que estão sendo altamente impactadas pela pandemia de

Covid-19 em dimensões sanitárias, econômicas e socioafetivas...  
Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.  
Integrantes: Yadira Arnet Fernández - Integrante / Nanci Soares - Coordenador  
/ Sálvea de Oliveira Campelo e Paiva - Integrante.

## **7. COMENTÁRIOS DO SUPERVISOR**

A atuação da pós-doutoranda Yadira Arnet Fernández tem se mostrado excepcionalmente relevante e alinhada com as demandas contemporâneas de pesquisa e intervenção social. Seu projeto central, "Construindo diálogos entre práticas e saberes ancestrais da diáspora africana do Brasil e a ciência: o uso de ervas medicinais por mulheres negras idosas e sua relação com o poder de cura e saúde", não apenas aborda uma temática atual e crucial para a saúde pública e os direitos humanos, mas também demonstra um compromisso ético e político com a visibilidade de grupos historicamente marginalizados. A integração de conhecimentos tradicionais com a perspectiva científica é um diferencial que enriquece significativamente a área de estudo.

Yadira tem se destacado não apenas na pesquisa, mas também na produção acadêmica e na extensão universitária. Sua participação como co-orientadora em trabalhos de graduação e a publicação de artigos e capítulos de livros em periódicos e obras qualificadas, abordando temas como racismo estrutural, educação antirracista, gênero e envelhecimento de mulheres negras, atestam sua capacidade de gerar e disseminar conhecimento de alto impacto. Essa produção diversificada reflete sua compreensão aprofundada das complexas interseccionalidades que permeiam as experiências das populações idosas afrodescendentes.

A dedicação de Yadira à educação e à extensão é notável. A disciplina "Educação Antirracista e Saberes Afrocentrados", ministrada por ela, e sua participação ativa em diversos cursos de extensão sobre gênero, feminismos, fundo público e história e cultura africana e afro-brasileira, comprovam seu empenho em transcender os muros da academia. O projeto de extensão "Políticas Sociais de Cuidados de Mulheres Idosas Afrodescendentes na América do Sul" evidencia sua capacidade de aplicar o conhecimento científico

em iniciativas que visam impactar diretamente a realidade social e as políticas públicas.

Em suma, Yadira Arnet Fernandez demonstra ser uma pesquisadora proativa, engajada e com uma visão sistêmica das problemáticas sociais. Sua habilidade em transitar entre a teoria e a prática, aliada à sua notável produção acadêmica e participação em eventos de relevância nacional e internacional, faz dela uma pós-doutoranda de excelência. Seu trabalho é fundamental para o avanço das discussões sobre saberes ancestrais, equidade em saúde e a luta antirracista.